

AMÉRICO RENÉ GIANNETTI: A INDUSTRIALIZAÇÃO E O PLANEJAMENTO ECONÔMICO DE MINAS GERAIS (1930-1950)

Ricardo Giannetti¹

ricardo.giannetti@uol.com.br

Palavras-chave: Américo René Giannetti; industrialização em Minas Gerais; Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção

Nos anos 1930, ao se romperem antigas práticas do sistema político brasileiro, veem-se definitivamente superadas as forças que se impunham desde os primeiros governos republicanos. Emerge daí um discurso renovador voltado para as conquistas sociais, baseado no progresso e na modernização da indústria nacional, exigências que se estabelecem no cerne dos setores produtivos que se constituem a partir do governo Getúlio Vargas.

Em Minas Gerais, o nome de Américo René Giannetti (1896-1954) encontra-se vinculado de forma indissociável ao processo de industrialização verificado nos anos trinta e quarenta. Por sua postura pessoal, conjugada a uma rara capacidade de planejamento e liderança, torna-se o empreendedor mais influente do estado e uma figura pública de expressivo destaque no país. São marcas da sua trajetória as numerosas ações no setor industrial e empresarial; o pioneirismo na fabricação de alumínio; a criação e a direção de entidades de classe; a condução modelar à frente da secretaria estadual e do executivo municipal. O Plano de Recuperação Econômica que elaborou no governo Milton Campos irá fundamentar, de forma decisiva, o desenvolvimento de Minas Gerais.

Este texto tem por objetivo acompanhar o curso das realizações de Américo René Giannetti e tecer considerações sobre sua evidenciada presença na história moderna brasileira.

Da Toscana ao Brasil

Filho de Pietro Giannetti (1872-1938) e Teresa Antonini Giannetti (1868-1957), imigrantes oriundos da Toscana, Itália, nasceu Américo René Giannetti a 20 de abril de 1896, em Rosário, Rio Grande do Sul.² Desde o ano anterior, os jovens recém-casados haviam deixado

¹ Pesquisador e autor de estudos sobre a arte e a música brasileiras do século XIX, em especial sobre a arte mineira oitocentista. Escreveu o artigo “Um músico brasileiro em Bayreuth”, no volume *Richard Wagner e Tannhäuser em Paris*, de Charles Baudelaire (Autêntica, 2013). É autor do livro *Ensaio para uma história da arte de Minas Gerais no século XIX* (Autêntica, 2015).

² Sobre a biografia de Américo René Giannetti, consultar Couto (1992).

Asciano, província de Pisa, para se estabelecerem na região, motivados pelos trabalhos então conduzidos pelo irmão de d. Teresa, o engenheiro Carlo Antonini (1847-1913), na construção da estrada de ferro Bagé-Uruguayana.³

A partir de 1894, a divulgação do início da construção da nova capital de Minas Gerais no arraial de Belo Horizonte irá atrair a atenção de Carlo Antonini. E de fato, o grande volume de obras ali projetado constitui-se motivo suficiente para que ele se decida pela sua transferência definitiva para o local, onde assume junto à Comissão Construtora da Nova Capital alguns contratos de vulto, dentre os quais a edificação da parte posterior do Palácio Presidencial. Inaugurada a capital, a 12 de dezembro de 1897, Antonini permanece na cidade e cria, logo a seguir, condições para estabelecer em conceitos modernos uma indústria de fabricação de produtos de construção, a Cerâmica Horizontina.

Contudo, essa trajetória de realizações e sucesso será interrompida de forma inesperada ao falecer Antonini, a 13 de maio de 1913. De imediato, em vista do acontecimento, é necessária a presença em Belo Horizonte de Pietro Giannetti, que continuava residindo no Rio Grande do Sul. Como não se resolvem de pronto as questões relativas à administração dos bens deixados pelo cunhado, não resta alternativa a não ser sua permanência de forma definitiva na cidade, ainda no curso do mesmo ano.

Com a vinda da família para Belo Horizonte, teve Américo René oportunidade de concluir seus estudos secundários e cumprir sua formação superior em Ouro Preto, diplomando-se, em junho de 1923, em Engenharia de Minas e Civil pela tradicional Escola de Minas. Nesse mesmo ano, em outubro, já casado com a jovem ouro-pretana Honorina Esteves do Sacramento, Américo deixa Ouro Preto e assume a direção da Usina de Rio Acima, unidade industrial fundada no início dos anos 1920 por seu pai. Nessa função de comando, consolida seus conhecimentos técnicos em siderurgia e adquire outros de cunho administrativo.

Cum mente et malleo

Em 1928, Giannetti transfere a residência da família de Rio Acima para Belo Horizonte. Estabelece, em sociedade com o amigo e colega da Escola de Minas, o engenheiro Petrônio de

³ Engenheiro e oficial militar do exército italiano, Carlo Antonini foi o primeiro membro da família a cruzar o Atlântico e se estabelecer no Brasil, sem que se saiba com certeza a época e a motivação da grande viagem. Nota publicada no jornal *Minas Geraes* (p. 6, 15 maio 1913), faz referência ao trabalho anterior de Antonini na qualidade de construtor da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba. O período de construção da ferrovia paranaense se deu entre 5 de junho de 1880 e 2 de fevereiro de 1885.

Almeida Magalhães, uma empresa voltada para a atividade nascente de construção de estradas de rodagem – a A. R. Giannetti & Almeida Magalhães. Por concorrência pública, a firma passa a obter contratos para a execução de abertura de diversos trechos nas rodovias Rio-Belo Horizonte e São Paulo-Belo Horizonte.

No curso do período seguinte, uma vez encerrado o ciclo de intensa atividade como engenheiro civil, Giannetti, como bem sintetizou Bueno de Rivera ao escrever seu perfil biográfico no livro *Pioneiros e Expoentes de Minas Gerais*,

tem a intuição e a compreensão de que Minas não poderia permanecer por mais tempo classificada como Estado agropecuário apenas. A riqueza do seu subsolo, sua possibilidade energética e sua posição geográfico-econômica eram um convite aberto para aqueles que se dispusessem, com energia e afinco, a equacionar e resolver o problema da criação do seu Parque Industrial. [...] obedecendo a um imperativo de sua formação moral – nada fazer sem conhecer antes o que se propõe fazer – embarca para a Europa para aí, durante seis meses, visitar vários países, neles estudando a técnica e a organização das indústrias.⁴

Situa-se nessa fase, 1933, a atenção mais aprofundada de Giannetti para as questões técnicas da indústria de alumínio, empreendimento apenas sonhado quando ainda aluno da Escola de Minas, ao conhecer, orientado pelos professores, as riquezas minerais da região de Ouro Preto. Sobre os estudos na Europa, comentará mais tarde o próprio Giannetti:

Permanecemos naquele continente durante seis meses, dedicados ao estudo das condições das indústrias nele existentes e relacionadas com o nosso objetivo. Tivemos oportunidade de examinar apenas uma fábrica de alumínio, porque tal indústria era, naquela ocasião, inteiramente vedada à visita de estrangeiros. Visitamos algumas minas de matérias primas, e procuramos conhecer a influência do custo de certos elementos que entram na elaboração do metal, inclusive energia hidroelétrica. Tendo estudado todas as condições inerentes à indústria, nos seus menores detalhes, concluímos pela possibilidade de instalar-se no Brasil, uma fábrica de pequenas proporções.⁵

A partir do retorno da Europa, no final daquele ano – período de intensas transformações políticas e sociais no Brasil –, embasado nos levantamentos de novas oportunidades industriais para o país e tendo absorvido condutas e práticas empresariais comuns em países desenvolvidos, Giannetti prossegue a reestruturação que vinha promovendo na Usina de Rio

⁴ RIVERA, 1971, p. 31.

⁵ GIANNETTI, Américo René. *Exposição da Eletro-Química Brasileira S.A., referente ao problema da fabricação do alumínio, no Brasil, apresentada por seu diretor-presidente*. Datilografado, 19 ago. 1946, p. 1.

Acima, já transformada, em bases modernas, na S. A. Metalúrgica Santo Antônio. Pelos mesmos princípios, reestrutura a Fábrica de Papel Cruzeiro S. A., outra pequena indústria pioneira fundada por Pietro Giannetti, em 1924, em Belo Horizonte; e consolida a Cerâmica Santo Antônio/Giannetti & Lotti Cia. Ltda, criada em 1929, em Rio Acima. Funda, a seguir, as novas empresas, Imobiliária Mineira S. A., em 1934, em Belo Horizonte; Electro-Chimica Brasileira S.A., em 1934, em Saramenha, Ouro Preto; A. R. Giannetti & Cia. Ltda, com sedes em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, firma que iniciou suas atividades em 1940 trabalhando em obras de remodelação da cidade de Niterói e na construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, na estação de Serraria. No início dos anos 1940, contava o grupo com cerca de 1.700 empregados.

Empreendedorismo e liderança

Ainda nos anos 1930, por sua constante exposição pública, Giannetti passa a ter um papel de liderança no estado. Em 1931, figura como um dos fundadores da Sociedade Mineira de Engenheiros, efetivando-se como sócio nº 0001. Exerce a presidência da entidade por dois biênios consecutivos, de 1933 a 1936, período em que a SME tem participação relevante nas discussões em prol da regulamentação da profissão de Engenheiro. Ainda durante a sua gestão, vê-se a entidade consolidada e estabelecida em sua primeira sede própria, à rua Saturnino de Brito, 89, em Belo Horizonte.

Em fevereiro de 1933, percebendo as demandas daquele momento de transformação no país, Américo René Giannetti, Alvimar Carneiro de Rezende e Euvaldo Lodi, fundam a Federação das Indústrias de Minas Gerais, mais tarde Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG. À nova entidade, Giannetti irá se dedicar de forma sempre muito próxima, tendo exercido sua presidência por quase uma década, do início dos anos 1940 até 1947. Sua atuação, voltada para a estruturação da Federação em bases sólidas, legou aos dirigentes continuadores uma orientação segura, que a fez sobressair como o órgão que maior influência exerceu nos destinos do setor industrial de Minas Gerais. Nessa fase, relevantes foram o interesse e a participação ativa de Giannetti no processo de criação das primeiras unidades de formação profissional do SENAI e na organização do SESI em Minas Gerais.

Também a Associação Comercial de Minas contou com a colaboração de Giannetti, integrante que fora da sua diretoria e vice-presidência, no final dos anos 1930 e início da década de 1940. Por seu espírito idealista, participará de forma efetiva de muitas outras

iniciativas, como, por exemplo, da Fundação Hospital Felício Rocho e da edificação do Colégio Marconi, escola vinculada à colônia italiana de Belo Horizonte.

O pioneiro e sua obra

O largo espaço de tempo que abrange o início da implantação da Electro-Chimica Brasileira em Saramenha, em 1934, até a produção do primeiro lingote de alumínio primário em suas fábricas, a 25 de março de 1945, irá revelar ao Brasil a trajetória notável de um pioneiro. Américo René Giannetti, ao criar as condições estruturais para a fabricação do metal no país, franqueia novos caminhos para outros feitos e conquistas da indústria nacional no século XX. Sua atuação, sempre pautada pelo otimismo, assinala sobretudo a confiança na capacidade da engenharia brasileira, que, com inteiro rigor técnico, conseguirá, afinal, dominar um processo produtivo considerado privilégio de países do Hemisfério Norte, notadamente de 14 nações altamente desenvolvidas: França, Suíça, Alemanha, Áustria, Inglaterra, Noruega, Suécia, Itália, Espanha, Hungria, Rússia, Japão e, nas Américas, apenas Estados Unidos e Canadá.

Tendo sido abandonada, em 1936, a execução dos projetos que elaborara em 1933 para produzir alumínio em Saramenha, pelas dificuldades encontradas à época e pelo vultoso aporte financeiro que necessitava o empreendimento, Giannetti somente retomará os estudos em 1938, ao receber um convite oficial do Governo brasileiro, por meio, mais diretamente, do general Toledo Bordini, diretor do Material Bélico do Exército, interessado em desenvolver no país melhor estrutura para o setor armamentista, dentro de um propósito mais amplo de promover o estabelecimento da indústria de base no Brasil. A resposta dada por Giannetti ao general Bordini foi negativa, em um primeiro entendimento, já que não pretendia mudar de rumo a orientação já traçada para o desenvolvimento industrial da Electro-Chimica Brasileira, não dispondo, além do mais, de capital suficiente para dar cabal desempenho à tarefa.

De forma consistente, o pedido governamental será renovado, pouco tempo decorrido, em nome do presidente Getúlio Vargas, que expressava seu inteiro apoio à implantação da indústria de alumínio primário no país. Em abril de 1938, o general Bordini – absolutamente ciente, com certeza, de estar formulando o convite ao único industrial brasileiro capaz de assumir um encargo tão desafiador – desloca-se até Saramenha para conhecer em detalhes as fábricas já montadas e em funcionamento, produzindo ácido sulfúrico e sulfato de cobre. Após a nova investida, Giannetti, não desejando se afastar do compromisso patriótico de dotar o país de uma indústria essencial, reconsidera sua posição e decide retomar os estudos da matéria diretamente em alguns países da Europa, o que irá realizar entre agosto e setembro de

1938. Desta feita, visita a França, a Itália e a Suíça, país onde conhece uma pequena fábrica de alumínio situada em Martigny, em operação há 35 anos fora do truste mundial, com produção anual de 1.100 toneladas, capacidade semelhante a que planejava instalar em Saramenha, cerca de 1.800 toneladas. Assim, após seu retorno da Europa, estando já na posse de opções de compra de maquinário e materiais de consumo, conclui pela viabilidade do projeto de construção da indústria no Brasil. De forma objetiva, nas tratativas iniciais com o Governo brasileiro, Giannetti estabelece duas condições para o êxito do empreendimento: 1ª) que o Governo concedesse à Electro-Chimica, mediante empréstimo, os recursos do Tesouro Nacional necessários à aquisição do maquinário, no prazo de seis meses; 2ª) que, em tempo oportuno, a indústria fosse protegida a fim de pô-la a salvo da investida de interesses estrangeiros.

Aceitas e ajustadas as mencionadas condições garantidoras do processo, nenhuma delas será cumprida pelo Governo. A começar pelo repasse dos recursos no prazo de seis meses, limite imposto pela validade das opções de compra do maquinário na Europa. A concessão do financiamento será protelada deliberadamente, com extrema lentidão em cada uma das etapas burocráticas, até se ver, finalmente, negada pelo ministro da Fazenda, Arthur de Souza Costa, o qual, fazendo valer sua opinião contrária à instalação da indústria de alumínio no Brasil – por julgar, não obstante nada entender sobre o assunto, que o país não detinha condições de produzir o metal –, toma a decisão diversa de transferir a questão do Tesouro Nacional para a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, introduzindo mais uma alteração radical no acordo firmado originalmente. Dois anos decorridos, somente em dezembro de 1940, estando já em curso a Guerra Mundial, será assinado o termo de empréstimo, no valor de Cr\$ 26.500.000,00, mediante a garantia de todo o patrimônio da Elquisa, sendo os recursos liberados ainda mais adiante, em junho de 1941.

Ao escrever sobre a história do alumínio no Brasil, o dr. Raymundo de Campos Machado,⁶ com inteiro domínio da matéria e conhecimento dos fatos, registra o percurso de superação vivenciado durante a implantação das fábricas da Elquisa:

Era muita audácia, e o Dr. Giannetti a teve durante a Grande Guerra, ao construir de 1941 a 1945, em pleno interior de um estado com pequena tradição industrial metalúrgica, [...] um complexo integrado de mineração de

⁶ Deve-se destacar a importância do dr. Raymundo de Campos Machado e de outros engenheiros brasileiros, a seguir nomeados, que se fizeram os principais responsáveis pela criação das fábricas da Elquisa e de seu complexo industrial, compreendendo as usinas hidroelétricas do Salto, Caboclo e Funil, e, mais diretamente, pela condução do processo de produção do primeiro alumínio primário no país: doutores Simão Woods Lacerda, Walter José von Krüger e Nicodemus de Macedo Filho.

bauxita, fábrica de alumina, usinas hidrelétricas e a redução eletrolítica. É preciso lembrar que a produção mundial de alumínio era dominada por pequeno grupo de empresas integradas que detinham com grande reserva a tecnologia que algumas delas desenvolveram desde o fim do século [...].

Conheci o Dr. Giannetti em abril de 1937, há quase 50 anos, em entrevista em Ouro Preto, para admissão em sua empresa, a Eletroquímica Brasileira (Elquisa), fundada poucos anos antes, em 1934, com seu amigo e contemporâneo na Escola de Minas, Dr. Simão Woods Lacerda, primeiro Diretor Gerente das fábricas de Saramenha, [...], e que falecera prematuramente uma semana antes.

A Elquisa naquela ocasião tinha 2 pequenas fábricas em operação: uma de ácido sulfúrico utilizando pirita de Ouro Preto por processo de contato, importada França, e outra de sulfato de cobre, utilizando sucata de cobre. [...]

O interesse do Dr. Giannetti pela industrialização da bauxita de Ouro Preto, já evidenciada pelo projeto de sulfato de alumínio usando alumina Bayer [...], foi de novo despertado na viagem que fez à Europa logo antes da Segunda Grande Guerra, quando conseguiu visitar, o que era muito difícil então, uma pequena fábrica de alumínio. Foi nessa visita em Martigny, na Suíça, que se convenceu de que poderia ter em Saramenha uma instalação similar para atender ao consumo nacional, que era de um pouco mais de 1.800 t/ano. [...]

Na ocasião, 1938, obteve opção de compra de um conjunto de equipamentos de origem suíça para os quais, entretanto, na sua volta ao Brasil, não conseguiu financiamento. [...]

Como consequência da ampliação da Grande Guerra, com bloqueio da navegação do Atlântico, por solicitação de autoridades militares, o Dr. Giannetti aceitou em 1941 tentar implantar no Brasil a produção de alumínio. O apoio técnico e de suprimentos essenciais da Europa estava perdido e foi necessário se voltar para os E.U.A. onde os equipamentos eram mais caros, mas que se tornaram a única opção.⁷ [...]

Produzimos o primeiro lingote de alumínio em 23 de março de 1945, dois meses antes do dia da Vitória, com o país inundado de alumínio americano que começava a sobrar no Hemisfério Norte desde 1943.

A curta história da operação das fábricas instaladas pela Elquisa para produzir alumínio com tanto esforço e sacrifício terminou em julho de 1946, depois de produzidas cerca de 800 t em 15 meses de operação.⁸

O Dr. Giannetti conta, em bem documentado dossiê, que só recentemente vim a conhecer, todas as sofridas tentativas feitas de 1941 a 1946 para obter reforços de financiamento com as diversas autoridades responsáveis. Acho que este documento precisa ser publicado para registro de uma das grandes injustiças feitas a um brasileiro a quem nosso país deve a implantação da primeira indústria de alumínio.⁹

⁷ O próprio dr. Machado comenta a viagem de Giannetti aos EUA: “Em 3 meses de trabalho insano o Dr. Giannetti, sozinho, sem apoio sequer de um auxiliar brasileiro da sua empresa, decidiu com os técnicos americanos da Dorr, Elkem e outras firmas os projetos das fábricas, negociou os contratos para acompanhamento da montagem e da partida e os de fornecimento dos equipamentos e das matérias primas a serem importadas.” Cf. Machado (1985, p. 46).

⁸ A capacidade instalada da Elquisa era de 2.500 t/a. Nos EUA, durante o período em questão, de 1938 a 1945, a indústria de alumínio, contando fortemente com o apoio financeiro governamental, evoluiu sua capacidade instalada de 200.000 t/a para 1.100.000 t/a; no Canadá, da mesma forma, de 70.000 t/a para 400.000 t/a.

⁹ MACHADO, p. 299-303, maio 1986.

Acompanhando o relato do dr. Machado, percebe-se que a permissão para a entrada expressiva do produto estrangeiro no país, sem a imposição pelo Governo da necessária barreira alfandegária, inviabilizou a continuidade da produção de alumínio em Saramenha. Sendo o consumo interno da ordem de 1.600 t/a, a repentina importação do metal pelo Brasil atinge, em 1944/1945, o volume de cerca de 5.823 toneladas de alumínio, fato que expõe, nitidamente, a intensão de “aniquilar a indústria brasileira nascente”, conclui Giannetti.¹⁰

Além desse ato de sabotagem, fecham-se também, e sempre por motivos menores, as portas do Governo para as pretensões da enfraquecida Elquisa de levantar novos empréstimos para cumprir seus compromissos. Sem condições de prosseguir em atividade, foram demitidos em suas fábricas, de uma só vez, 800 empregados, determinando-se a paralização da produção de alumina e, posteriormente, a de alumínio, em julho de 1946. Conhecedor de todas essas questões e ciente da situação extrema, nenhuma atitude positiva foi tomada pelo general Eurico Gaspar Dutra, que então assumia a presidência da República. Demonstrando despreparo e total incapacidade para compreender o problema, Dutra toma a atitude estranha de agir contra os interesses do país, ao negar qualquer apoio à indústria brasileira.

No curso dos acontecimentos políticos nacionais, na volta que o parafuso da história dá, ao retornar Getúlio Vargas ao Catete, revolvem-se as questões que tratam dos empréstimos realizados pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, contraídos pela Elquisa ao longo dos anos de sua implantação, até a solução final do caso, a 6 de junho de 1950, quando a diretoria do Banco transfere os direitos creditórios à firma canadense Aluminium Limited, que assume a totalidade do patrimônio da empresa brasileira. Incluído o processo da Elquisa no contexto do que se chamou “Inquérito do Banco do Brasil” – investigação que buscou esclarecer graves irregularidades cometidas pela administração do Banco durante o governo Dutra, somando-se inúmeras outras atuações –, coloca-se em suspeição, objetivamente, a decisão praticada pela diretoria de ceder os direitos creditórios ao grupo canadense, posto que geradora de expressivo prejuízo à instituição bancária.¹¹ Afinal, após o exame que se fez na extensa documentação pertinente, concluiu a Comissão de Inquérito:

Aí estão, pois, as conclusões que o caso inspira: o ato praticado pela Diretoria do Banco, cedendo, com prejuízos, os direitos creditórios do

¹⁰ GIANNETTI, Américo René. *Exposição da Eletro-Química Brasileira S.A., referente ao problema da fabricação do alumínio, no Brasil, apresentada por seu diretor-presidente*. Doc. 8, p. 4. Datilografado, 19 ago. 1946.

¹¹ A Comissão de Inquérito, presidida pelo dr. Miguel Teixeira de Oliveira, foi criada em 10 de fevereiro de 1951, por ato do presidente do Banco do Brasil, dr. Ricardo Jafet.

estabelecimento contra a Electro-Química, embora se contenha dentro dos poderes estatutários de alienar, transigir e renunciar, constitui um erro grave e revestido de características culposas, não só por existirem garantias bastantes como também porque havia possibilidade assegurada à integral liquidação da dívida. [...]

Por último, é de justiça registrar que em todo esse drama do alumínio a figura de um homem avultou, do começo ao fim, sempre resolvido, digno e viril – o engenheiro Américo René Giannetti. O exame sereno e impessoal de sua obra, à luz dos fatos e do imenso documentário existentes nos vários volumes do processo, impõe a palavra final de reconhecimento à sua competência, abnegação e heroísmo.¹²

Em resumo, o total dos direitos creditórios do Banco do Brasil contra a Elquisa era de R\$ 88.213.664,40. A cessão foi feita à Aluminium Limited pelo valor de R\$ 36.760.000,00; mais a parcela de R\$ 5.000.000,00, obrigação imposta a Américo René Giannetti. Teve a operação como resultado, portanto, um prejuízo certo de R\$ 46.453.664,40. Tal decisão foi “aprovada unanimemente [...], presentes os Diretores Pedro Rache, Jorge Dodsworth, Castro Menezes, Moreira Sales e Marino Machado, além do presidente Guilherme da Silveira. A cessão foi consumada na presidência de Ovídio de Abreu, a 6.6.50.”¹³

O Planejamento Econômico de Minas Gerais

Em 1947, Américo René Giannetti recebe o convite do governador eleito Milton Campos para assumir a pasta da Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho do Estado de Minas Gerais. Habitado ao constante planejamento de tantos empreendimentos, em poucos meses no exercício da pasta, finaliza a elaboração do Plano de Recuperação Econômica e de Fomento da Produção, documento implementado a seguir pelo executivo, em junho de 1947. Bastante abrangente, na composição dos dezenove capítulos que formam o Volume I – Exposição, o estudo de Giannetti percorre os principais pontos da economia mineira; levanta seus problemas e, de forma objetiva, preconiza um conjunto de medidas a serem tomadas pelo Governo, capazes de “conduzir com firmeza os interesses coletivos e aumentar a capacidade de reação das forças produtivas”,¹⁴ tendo destaque: Programa de Desenvolvimento do Ensino Profissional; Programa de Fomento da Produção Vegetal; Programa de Aquisição e Venda de Máquinas e Implementos Agrícolas aos Agricultores; Programa de Fomento da Produção Animal; Preparação ao Fomento da Produção Industrial; Reorganização das Estâncias Hidrominerais; Colonização e Imigração; Rede de Armazéns, Silos e Veículos Especiais;

¹² OLIVEIRA, 1953, p. 124.

¹³ Ibidem, p. 324.

¹⁴ MINAS GERAIS. Governo do Estado, 1947, p. 7.

Reservatórios de Combustíveis; Criação e Fomento ao Cooperativismo; Assistência ao Trabalhador; Novas Instalações para o Instituto de Tecnologia Industrial; Plano Rodoviário, Reaparelhamento e Eletrificação da Rede Mineira de Viação; Eletrificação Urbana e Rural; Saúde Pública e Plano Geral de Educação.

No setor da Agricultura, foram intensas as intervenções da Secretaria em todas as regiões do estado. Como, por exemplo, a implantação dos chamados Comboios de Ensino Agrário, para prestação de assistência técnica direta e fornecimento de insumos aos fazendeiros; a aquisição das primeiras fazendas destinadas exclusivamente a pesquisas agrícolas; a fundação da Associação de Crédito e Assistência Rural – ACAR;¹⁵ o apoio ao ensino junto à Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em Viçosa, e a realização das primeiras pesquisas agropecuárias do estado. Em outra frente de atuação da Secretaria, foram as estâncias hidrominerais de Minas fortemente incentivadas a promoverem a exploração de suas potencialidades.

Dentre os feitos mais importantes da gestão está o início da construção da Usina de Salto Grande, base do processo de eletrificação do estado, para o qual Giannetti contribuiu pessoalmente, ao fazer, a título gratuito, a transferência ao Estado dos estudos preliminares e da concessão da qual era detentor, relacionados ao aproveitamento do rio Santo Antônio.

Estavam lançados os fundamentos para as principais realizações do governo Milton Campos e para o futuro desenvolvimento do estado. Opinião significativa, que avalia com correção a abrangência do programa de Giannetti, bem como sua aplicação no desenvolvimento do estado, foi emitida pelo dr. Celso Mello de Azevedo, engenheiro e ex-prefeito de Belo Horizonte, o qual, nos termos seguintes trata a questão histórica:

Giannetti teve profunda influência nos destinos de Minas Gerais, desde que assumiu a Secretaria da Agricultura. Era um homem que não admitia empreendimentos sem planejamento. Na pasta avocou a si a missão de transformar o quadro da evolução econômica do Estado, criou o famoso Plano de Recuperação Econômica e de Fomento da Produção, que foi o ponto de partida para inúmeras realizações e surgimento de empresas estatais, que estavam destinadas a ter papel preponderante no desenvolvimento mineiro. Foi a partir deste Plano, que Minas despertou para um novo tempo e se deslançou para o progresso, mesmo porque no bojo das propostas de Giannetti, todas encampadas por Milton Campos, achava-se o próprio núcleo que resultaria, já na gestão de JK, na criação da CEMIG, tomando a si obras já iniciadas e em plano cuidadosamente elaborado.¹⁶

¹⁵ Posteriormente transformada em empresa, com o nome de Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais – EMATER/MG.

¹⁶ AZEVEDO, p. 2, 21 a 27 out. 1987.

O que se percebe de notável na trajetória de Giannetti, nesse momento em que se projeta na vida pública, é sua capacidade de conjugar, a um só tempo, o político de rara habilidade e o planejador de larga visão. Ao término do governo Milton Campos, a repercussão de suas ações e o reconhecimento de ter sido um administrador inovador e competente garantiram a Giannetti, em campanha pública de poucas semanas, votação expressiva no pleito que o elegeu prefeito de Belo Horizonte. Iniciada a gestão, em 1951, logo dotou a cidade de um completo *Plano-Programa de Administração*,¹⁷ visando traçar as linhas e diretrizes para a reorganização e o desenvolvimento da capital. Américo René Giannetti faleceu no exercício do mandato, a 6 de setembro de 1954, aos 58 anos de idade.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Celso de Mello. Lembrando Giannetti. *Correio de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 21 a 27 out. 1987.

COUTO, Maria Olivia A. B. P. *Ventos do sul nas montanhas de Minas*: Biografia de Américo René Giannetti. Belo Horizonte: SENAI-MG, 1992. (Coleção Memória SENAI 3).

GIANNETTI, Américo René. *Plano-Programa de Administração para Belo Horizonte*. Belo Horizonte: [s.n.], 1951.

MACHADO, Raymundo de Campos. *Apontamentos da história do alumínio primário no Brasil*. Ouro Preto: Fundação Gorceix, 1985.

MACHADO, Raymundo de Campos. Giannetti, o pioneiro do alumínio no Brasil. *Metalurgia ABM*, Associação Brasileira de Metais, São Paulo, v. 42, n. 342, p. 299-303, maio 1986.

MINAS GERAES, Belo Horizonte, 15 maio 1913.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. *Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção*. Vol. I – Exposição. Belo Horizonte: [Imprensa Oficial], 1947.

OLIVEIRA, José Aparecido de. *Inquérito do Banco do Brasil*. (Texto integral do primeiro volume e Relatório da Comissão de Inquérito). Documento extraído do original do Deputado José Bonifácio Lafayette de Andrada. [S.l.]: [s.n.], 1953.

RIVERA, Bueno de. *Pioneiros e Expoentes de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Guia Rivera, 1971.

¹⁷ GIANNETTI, 1951.